

# Jornal da USP



CIÊNCIAS

CULTURA

ATUALIDADES

UNIVERSIDADE

INSTITUCIONAL

Procurar conteúdo...

Busca

» Home > Artigos > [Raduan Nassar, para além da estante](#)

Artigos - 14/06/2017

## Raduan Nassar, para além da estante

*Jean Pierre Chauvin é professor de Cultura e Literatura Brasileira da Escola de Comunicações e Artes da USP*

Por [Redação](#) - Editorias: [Artigos](#)



*“[...] não eram duendes aqueles troncos todos ao meu redor, velando em*

*silêncio e cheios de paciência meu sono adolescente?” (Raduan Nassar)[1]*

Jean Pierre  
Chauvin –  
Foto: Marcos  
Santos/USP  
Imagens

**P**ara os brasileiros, 2016 foi um ano de consideráveis turbulências nas esferas geopolítica, socioeconômica e cultural. No entanto, em meio a calorosas divergências, os leitores de nossa melhor literatura depararam com um livro

em conteúdo e forma de alento. Trata-se da *Obra Completa* de Raduan Nassar[2], em edição cuidadosamente preparada pela Companhia das Letras, que conquistou, com todo o mérito, o último Prêmio Camões.

Lá estão *Lavoura arcaica* (de 1975) e *Um copo de cólera* (de 1978) – romances consagrados perante crítica e público. Porém, a maior surpresa fica por conta dos textos que correspondem à segunda metade do volume, forrado por contos, ensaios e traduções. Trata-se de poderoso convite à leitura (supondo a existência daqueles que não tiveram acesso à obra do escritor) e, simultaneamente, de um *corpus* que favorece a análise de estudiosos e a reflexão dos curiosos em geral.

A reunião das obras de Raduan Nassar num mesmo volume acontece em momento bastante oportuno, para se repensar as estruturas de poder vigentes por aqui. Basta lembrar que em *Lavoura arcaica*, o narrador em primeira pessoa descreve sua relação conturbada com o pai e considera as razões para o seu afastamento em relação à família, por diferença de personalidade, comportamento e afinidades.

Dir-se-ia que o romance dramatiza nossa tradição latifundiária, patriarcal e classista, sob os aspectos mais severos. Ela está representada pela dicção hesitante, mas incisiva, do protagonista, cujo discurso mapeia a conturbada relação do narrador com seu pai: legítimo representante do *pater familias* – figura encontrada na Roma antiga e que deitou raízes canhestras entre nós, desde os tempos de nossa colonização monopolista e escravocrata.

A voz que narra tem nome sugestivo. Em seu relato, André (“homem valente”, segundo os gregos) descreve os familiares e também o ambiente, de modo a alternar excursos sobre sua intimidade, mas também digressões em torno da vida na fazenda: a palavra emperrada pelo pai, os modos silenciosos da mãe, a postura dos irmãos etc. Meio-termo entre o quarto e o latifúndio, entre si mesmo e os outros, era “lá do bosque que” ele “escapava aos olhos apreensivos da família”.

“

**A reunião das obras de Raduan Nassar num mesmo volume acontece em momento bastante oportuno,**

**para se repensar as estruturas de poder vigentes por aqui.**

Violência como traço cultural, mas também como legado. O pai de André tinha por hábito emitir longos sermões e surrar os filhos periodicamente. Talvez reproduzisse, em parte, o modo de ser e conceber do avô, “esse velho esguio talhado com a madeira dos móveis da família”. As largas terras e os objetos da propriedade ilustravam o caráter mandão e tirânico dos que chegaram antes, a reforçar a imagem do pai “à cabeceira, o relógio de parede às suas costas, cada palavra sua ponderada pelo pêndulo”.

Se *Lavoura arcaica* retrata as angústias de um jovem frente ao patriarcado na fazenda, em *Um copo de cólera* é a paixão que assume o protagonismo. Escrito em ritmo a simular a sofreguidão e entrega dos amantes, o romance deixa o campo da hierarquia patronal, onde o autoritarismo e a coerção prevalecem. Porém, a mesma pujança embalada por Eros encontra substituto nas violentas discussões do casal.

Os sete capítulos do romance sugerem um movimento contínuo. Na forma como foi estruturado pelo autor, o enredo se concentra e desdobra nas cinco seções intermediárias. Após descrever a ordem dos afetos que ele e a jornalista compartilham, o narrador escancara a desordem da razão. Entre as duas chegadas, a narrativa enfatiza os motivos que provocaram as discussões do casal: “[...] ‘não é pra tanto, mocinho que sua a razão’, e eu confesso que essa me pegou em cheio na canela, aquele ‘mocinho’ foi de lascar, inda mais do jeito que foi dito”.

Assim, o que era desejo, ímpeto e locupletação cede lugar à sanha de disputar palavras, decretar a sentença derradeira, vencer o embate verbal. Em lugar da harmonia dos corpos afoitos, a ponderação (quinhão inútil da racionalidade), até que, num intervalo de menor juízo, as paixões se diluam e, híbridas, deem margem a um novo ciclo de desejo, entrega e repulsa. É sugestivo que a narradora assume o relato, em determinado momento. Em acordo com a lógica do desejo, não faz sentido que apenas um responda pelo uso da energia disponível. O ciclo dos amantes recomeça, então, sob nova perspectiva: “quando cheguei na casa dele lá no 27, estranhei que o portão estivesse ainda aberto”.



**Feito notável, Raduan Nassar elevou ao máximo a potência dos seres supostamente pequenos.**

Há que se preservar algum fôlego para tirar máximo proveito da leitura. Não bastasse a qualidade dos romances, a terceira sessão de *Obra Completa* traz *Menina a caminho* (1972) e outros contos, que se caracteriza(m) pela alternância de pontos de vista e múltiplas formas de perceber o cotidiano, por exemplo, em posição e movimento de solidariedade: “Acocorada ainda ao lado do cavalo, a menina desvia os olhos da janela e alcança, bem afastados, os três meninos arrastando os sacos de palha pelo chão de terra, como se fossem três pequenos arados [...]”.

Sensibilidade e coragem embasam a existência das criaturas que habitam o universo de Raduan. Em sua trajetória, quase sempre oscilante, encontram-se muitos modos de ver, seja na voz solitária, mas vigorosa, de um adolescente contra o regime totalitário que vigora no latifúndio; seja no velho hábito de ter razão, a despeito das vantagens aportadas pela união do casal; seja no testemunho da filha que encontra nos jogos de criança substituto para a crise enfrentada pelos pais.

Feito notável, Raduan Nassar elevou ao máximo a potência dos seres supostamente pequenos. No universo paternalista, em que a fala alheia está sob as rédeas de fazendeiros megapoderosos, é a voz do adolescente que prevalece; na casa modesta, em que a decisão está a cargo da gente simples e grande, é a ótica da criança que restabelece a harmonia humana possível. Somente uma obra literária desse patamar poderia evidenciar que homens e mulheres alternam afetos e razões, para além do maniqueísmo, da hierarquia e das distinções de classe, corpo, etnia e gênero.

Eis um feito nada desprezível, tendo em conta as velhas distinções que ainda assombram os homens do lado de cá – onde persiste “a estrutura de costume”, responsável pelo fato de boa parte dos brasileiros “ter os olhos submissos sempre voltados para matriz”. Percepção de um homem que desempenha, com o mesmo talento e lucidez do romancista, o seu valioso papel de ensaísta.

[1] Raduan Nassar. *Lavoura arcaica*. In: *Obra Completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, pp. 15-16.

[2] O escritor nasceu em Pindorama (SP) em 1935. Formou-se em Direito e Filosofia na Universidade de São Paulo. Em 2014, concretizadas a doação e transferência de sua fazenda, inaugurou-se o novo campus da UFSCar.



## Acontece na USP

Hoje      Próximos eventos

23/11/2017

**Simpósio aborda Psicobiologia da Dor: Da ciência básica à clínica**

23/11/2017

**Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto discute o Assoalho pélvico feminino**

23/11/2017

**Instituto de Física promove palestra All laser-driven MeV Compton x-ray source**

23/11/2017

**Núcleo Tusp apresenta Rei Lear**

23/11/2017

**Piracicaba sedia a 4ª AgTech Day**

» [Todos os eventos](#)

## Artigos